



Daniel Toledo, Daniel Toledo
só o começo de uma história

**Daniel Toledo,
só o começo de uma história**

Sumário

Introdução	3
Primeiro emprego aos 13	4
Transição	10
A primeira experiencia nos Estados Unidos	11
O começo da minha família	13
Vivendo juntos	15
O primeiro baque	17
O nome Raphael	19
A crise	20
Guardanapo de papel	24
A amizade	28
Pai solteiro	29
Reflexão	33
O segundo ano nos EUA	34
Vida de Youtuber	36
Dedicação ao escritório e ao basquete	38
Síndrome de Asperger	40
Vida profissional	43
Pós-graduação e início do escritório	44
Do direito para a educação	45
Uma porção de histórias	47

Introdução

Foi no momento em que o policial do Fórum João Mendes, em São Paulo, veio em minha direção, que percebi que o desfecho dos oito meses mais infernais da minha vida poderia ter sido a minha prisão por desacato a um Juiz. Um absurdo naquela situação, mas afinal, era um fato corriqueiro no dia a dia de um Advogado com perfil mais agressivo.

Aquela audiência foi muito tensa desde o começo. No entanto, faltando quinze minutos para seu fim, uma atitude intuitiva e abrupta, sob os olhares de espanto de uma sala repleta de mulheres, e cujo único homem era eu, fez a minha vida começar a voltar ao rumo.

- Excelência, eu estou neste momento assumindo a minha representação. Passo a ser o meu próprio Advogado, representando meus interesses neste processo - afirmei.

Após a juíza frisar que alguns procedimentos formais deveriam ser observados, voltei a destacar meu novo posto e tezi comentários engasgados desde o início daquele litígio, meses atrás.

Eu acabava de abrir mão de uma das Advogadas mais caras e renomadas de São Paulo para assumir o risco e a responsabilidade de conseguir, ou perder de vez, a guarda do meu filho Raphael, o Rapha.

Expus os motivos que a Advogada da minha ex-mulher Samantha estava agindo de má fé, e fiz considerações ao trabalho da promotora e da própria Juíza.

Fui interrompido quando opinei que naquele ambiente estava instalada na mentalidade das pessoas um preceito de que o filho deve ficar sempre com a mãe e de que a mulher é hipossuficiente (o que eu não concordo).

- O senhor se cale para falar sobre este assunto. A Juíza aqui sou eu e quem preside este processo também!

- Doutora, o dia em que tiver que me calar, abduco de minha profissão - respondi.

- Se o senhor não se comportar, vai ser preso por desacato à autoridade - enfatizou a juíza.

Neste momento, num ato de impulso, coloquei minha carteira de Advogado sobre a mesa e reiterei minhas palavras de que jamais me calaria como Advogado... A juíza então chamou o policial no corredor para efetuar a minha prisão.

Primeiro emprego aos 13

Depois de uma manhã normal de aula no colégio Dante Alighieri, nos Jardins, em São Paulo, voltei a pé para a casa, próximo do meio dia, como fazia sempre... Morava bem próximo à escola e logo que chegava em casa já procurava almoçar o quanto antes. À tarde, praticava um dos meus passatempos preferidos, jogar um videogame chamado Atari, uma sensação daqueles tempos.

Tudo corria de maneira absolutamente normal naquele dia, com exceção do período noturno... Quando meu pai pediu para conversar na sala de jantar, não imaginava que aquela seria a última data da minha vida em que não teria um trabalho, isso aos 13 anos de idade:

- “Daniel, a partir de amanhã você não terá mais mesada e começará a trabalhar como auxiliar de Office boy em meu escritório”.

Ele se referia ao seu bem sucedido escritório de engenharia, um dos seus negócios. Papai também tinha participação em um renomado grupo universitário do interior de São Paulo, que herdou junto com seus irmãos, após o falecimento do meu avô.

Minha reação foi de animação e medo! Ele sabia que eu queria ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, um trabalho iria me tornar mais responsável. Mesmo com muita ansiedade, concordei com o convite na hora. No entanto, tinha muito temor de decepcionar meu pai.

No dia seguinte, peguei um ônibus e comecei no meu primeiro emprego. Estudava de manhã, passava para almoçar em casa por 15 ou 20 minutos e seguia para o trabalho. Naquela época, era normal uma criança desta idade andar de ônibus pela cidade. Fazia isto desde os meus 11 anos.

Da minha classe no colégio, era o único que tinha um trabalho. Algo incomum naquele meio social, pois estudava em um colégio caro e morava num prédio bom, o mesmo de vários empresários famosos de São Paulo. Meu pai tinha uma condição financeira muito boa, no entanto sempre foi muito simples e levava uma vida sem ostentações. Ele não me permitia gastar com futilidades. Seu estilo se traduzia em minhas roupas. Entre meus amigos da época, era o único com camisetas e calças da Rua 25 de março, enquanto todos os outros vestiam suas grifes preferidas.

Quando cheguei ao serviço, a mesa já estava reservada. Mesmo começando como auxiliar de office boy e encarando filas quilométricas para poupar a energia deles, gostei muito do trabalho desde a primeira semana. O fato de ser filho do patrão não trazia nenhuma regalia. Meu pai ficava numa sala três andares acima da minha e raramente nos víamos na empresa. Lá, ele era outra pessoa, sempre muito sério, focado e com uma postura impecável. Eu, era um funcionário comum e meu supervisor tinha carta branca para chamar minha atenção sempre que necessário.

Próximo dos 18 anos, já tinha passado por praticamente todos os cargos de base da empresa começando pelo office boy, auxiliar administrativo, auxiliar de pesquisa, pesquisador, gerente de pesquisa, até chegar a supervisor e ganhar um bom dinheiro para poder me sustentar. Cada passo tinha sido planejado pelo meu pai, e em cada dia ao seu lado, eu percebia o quanto ele controlava a realização de seu próprio objetivo em me criar para me tornar uma “empresa”. Sim, muitas vezes era desta forma que eu me sentia e confundia a minha vontade com as necessidades coletivas do negócio.

Faltando três dias para meus 18 anos, meu pai me liberou do trabalho naquela tarde e disse que poderia escolher um carro de presente, de qualquer marca. Em 1993, não tinham modelos importados. Para os jovens, as opções mais atraentes eram o Gol GTI, o GTS, a Saveiro Sunset e o Kadett GSi.

Optei pela Saveiro e aguardei ansiosamente até a chegada do carro em casa, no dia do meu aniversário. No entanto, só fui usá-lo alguns dias depois, quando minha carta de motorista ficou pronta.

Na semana do meu aniversário, ganhei outro dia de folga e papai marcou uma reunião que me lembro até hoje, de cada detalhe, às 15h na sala de jantar de casa. Ele era muito pontual e chegou com um senhor desconhecido careca de terno. Papai se sentou na cabeceira, de um lado da mesa o convidado e do outro minha mãe e eu.

- A partir de hoje, você vai fazer a primeira grande escolha de sua vida, disse meu pai.

Colocou duas caixinhas na minha frente... Numa delas estava a chave do carro e na outra a chave do meu futuro apartamento. Uma não iria sem a outra. Era a sua condição.

Na sequência complementou:

- Se você quiser o seu carro, ganhará um apartamento, mas terá que se mudar em uma semana e arcar com todas as despesas mensais de condomínio, comida, IPTU, etc. Se quiser continuar morando aqui conosco, não tem problema, todavia terá de devolver o carro e continuar a andar de ônibus.

Havia uma série de regalias ao morar com meus pais. Não tinha gastos e todo o salário ia para baladas e diversão. Aceitar o apartamento, mesmo sendo um privilégio imenso, implicava uma responsabilidade gigantesca e abrir mão de um estilo de vida muito bacana. Meu orçamento ficaria extremamente justo, pois o dinheiro que ganhava dava exatamente para pagar as novas contas que fariam parte da minha vida. Mas a partir dali seria a MINHA vida.

Aquela conversa foi tão inusitada e me deixou tão confuso que pedi um dia para pensar. Papai retrucou dizendo que me dava apenas dez minutos para tomar uma decisão. Ele era assim, me criou desta forma: “pense rápido e decida rápido, porque nem sempre a vida vai lhe dar oportunidade de reagir”. O senhor careca de terno na mesa não podia esperar mais do que isso. Ele era o diretor do cartório e estava lá para assinar minha emancipação, caso eu aceitasse o carro e o apartamento.

Meio desconcertado, fui até o banheiro e me sentei no chão, encostado na parede, para pensar sobre a decisão a ser tomada diante daquela proposta tentadora. Mesmo nervoso e apreensivo, achei que era o momento de ter minha própria vida. Meu pai me propôs uma espécie de choque de amadurecimento: virar 100% adulto instantaneamente. Decidi aceitar, e a primeira coisa que veio na minha cabeça foi: “Se fizer alguma besteira, estou ferrado, posso ser preso”... Na verdade se eu fizesse qualquer ato errado, sendo ou não emancipado, responderia pelas minhas atitudes, por ser maior de idade, mas naquele momento minhas emoções não me permitiam ter este discernimento.

O namoro também pesou na decisão: Se não pegasse o carro, tinha medo que minha namorada me largasse, coisas de jovens. Com ela, também desfrutaria de mais liberdade em meu apartamento. No fundo, sabia que se fizesse as coisas que meu pai queria, ele facilitaria a minha vida afinal de contas, tudo sempre esteve planejado na cabeça dele. E ele que nunca me deixaria na mão num momento de extrema necessidade.

Fechamos o acordo com uma condição: pedi um mês para me mudar e ele sugeriu mobiliar o apartamento. Montei a casa dos meus sonhos, fiquei muito animado desde o primeiro dia, mas ralei muito para arcar com as novas despesas de vida. Acabei trocando meu carro por um mais simples e vendi outras coisas, pois às vezes a conta não fechava. Amadureci muito durante todo este processo com o passar dos anos.

Dos tempos de trabalho com o meu pai, uma história especial me marcou e trouxe grande aprendizado. A sala dele era muito grande, representava um terço do andar, com uma antessala de recepção e uma intermediária, onde ficava o cofre e seu assistente.

Ele viajava cerca de quatro vezes por ano com minha mãe. Trabalhava três meses e tirava um passear. Assim foi toda a sua vida e em uma dessas viagens, quando eu estava com 16 anos, ele me falou:

- “Daniel, estou te treinando para me suceder em alguns momentos e vou deixar contigo a responsabilidade da empresa, você já é homem e tem capacidade para isto!”.

Fiquei muito feliz com aquela notícia extraordinária, me senti reconhecido e aceitei na hora. Ele me passou a senha do cofre e deixou três talões de cheque assinados. Só deveria fazer pagamentos que o financeiro mandasse. Se precisasse de dinheiro para alguma coisa importante, bastaria usar um dos cheques.

Querendo agradar ao meu velho, com minha cabeça de moleque, resolvi reformar a sala dele durante sua ausência, pois há muitos anos nada mudava naquele ambiente: os moveis, o sofá e o tapete eram bem antigos e eu confesso que não tinha a menor ideia do que era uma decoração vintage. Para mim era apenas velho.

Chamei arquiteto, contratei equipe de pintura e aprovei o projeto. No meu gosto, ficou tudo lindo, sensacional. A última etapa foi a lavagem do carpete verde, que estava sujo e desbotado.

Depois de lavado, notamos que o estado do carpete piorou, porque a sujeira estava escondendo as partes desbotadas. Resolvi por minha conta comprar tinta de roupa para pintá-lo: o resultado foi o pior imaginável e toda essa confusão ocorreu apenas há dois dias dele voltar. Como sabia que seria impossível trocar um carpete de 200 metros quadrados de um dia para o outro, tentei lavá-lo, mas ele enrugou e ficou mais imprestável ainda.

Não me restou fazer nada a não ser esperar meu pai chegar. Minha ideia era apresentar animadamente a surpresa da reforma e dizer que em breve resolveria a situação do carpete.

Ele chegou de viagem super bem humorado e o acompanhei até a porta do andar, ansioso para mostrar os novos quadros, mobília e pintura. De repente, na hora que abriu a porta, ao entrar na sala, papai tropeçou em uma ruga do carpete e foi de cara no chão. Minha reação juvenil naquele momento foi a de cair na gargalhada, pois achei a cena absurdamente engraçada, deixando-o ainda mais revoltado.

Ele se levantou e foi para a mesa vermelho de raiva, sentou na cadeira, notou com uma expressão desolada que a mesa não era a mesma, parede de outra cor. Quando eu disse para tentar quebrar o gelo:

- Quis fazer uma surpresa para o senhor e espero que tenha gostado.
- Surpreso eu estou, mas também decepcionado, respondeu:
- Mas fiz com carinho, continuei.
- Faça carinho com o seu dinheiro. Estou aqui há 30 anos e não senti necessidade de fazer essa reforma, concluiu.

Ele chamou a equipe de obra e deu uma semana para a sala ficar exatamente igual como estava anteriormente (só tiveram de trocar o carpete) e ficou um mes sem falar comigo.

Aquilo foi uma lição de vida. Vi que seu principal incômodo não foi a perda financeira, pois a reforma tinha sido relativamente barata, mas sim o fato de ter invadido o espaço dele, o ambiente em que ele se sentia confortável. Eu era muito jovem para compreender isto. Passei a entender que as pessoas têm seu espaço de conforto e não precisam necessariamente inovar, reformar, ou gastar dinheiro com coisas que consideram confortáveis.

Esta história me remete a outra lição de vida, que aprendi quando estava com um amigo numa loja de carros de luxo. O dono dava toda a atenção do mundo para meu colega que estava prestes a fazer uma aquisição.

Neste momento, entrou um senhor de bermuda, camiseta polo e chinelo de couro simples, sem qualquer tipo de ostentação. Ele começou a olhar os carros e o dono da loja pediu para sua funcionária atendê-lo, mas frisou a ela que ele não iria comprar nada.

Percebi o incômodo do proprietário da loja com o cliente enquanto ele tirava dúvidas com a vendedora. Até que uma hora foi em direção a ele e disse:

- Prazer senhor, vai comprar algo? Acredito que não e só está tomando o tempo da minha funcionária.

A resposta do cliente veio na sequência:

- Eu até ia, mas agora não vou mais. Com uma cara de sarro, colocou seu cartão em cima da mesa. Tratava-se do dono de uma das maiores franquias do país.

Neste dia, lembrei-me de meu pai, de sua simplicidade, do respeito às pessoas e de fazer um bom uso do dinheiro, inclusive deixando de comprar coisas caras, quando não precisava ou não era o momento apropriado.

Hoje, vejo como a postura dele ajudou a construir a minha personalidade, a começar pela sua simplicidade. Seu exemplo de vida mostrou que não importa quanto dinheiro se tem: os valores pessoais e postura são mais importantes. Vejo muitas pessoas que são obcecadas por consumo, querem comprar tudo e muitas vezes não disfrutam de coisas mais simples na vida. Não posso dizer que sou 100% como ele porque também aprendi que viver de privações não nos permite conhecer outros lados de uma mesma história, mas certamente trouxe para a minha vida a importância de valores transmitidos através de alguns pequenos exemplos.

Lembro, certa vez, quando meu pai comprou um carro e tentei o convencer a pegar um modelo mais luxuoso. Ele preferia o modelo intermediário. “O prazer, às vezes, também é ter o dinheiro e optar por não comprar determinados artigos de luxo, se não forem necessários ou de seu gosto”, ele me disse. E isto eu trago até hoje como lição de vida.

Outro acerto dele foi o de ter me colocado para trabalhar desde cedo. Tanto que pretendo seguir este exemplo com meu filho. Vejo muitos conhecidos de minha geração que se frustraram profissionalmente por não terem tido este tipo de estímulo.

Aprendi, desde os 13 anos, a dinâmica corporativa, a lidar com pessoas e equipes, a gerenciar o meu dinheiro, ter disciplina, responsabilidade, correr riscos e administrar minha vida. Isso facilitou muito minhas escolhas no futuro, meu interesse e minha proatividade. Quando cheguei aos 20 anos, muitos conhecidos começavam a procurar seus primeiros estágios e alguns ainda reclamavam. Eu brincava perguntando se eles sabiam o que era ser auxiliar de office boy, porque eu sabia, e muito bem o que era começar por baixo.

Meu pai também me estimulou muito a estudar. Quando entrei na faculdade de direito, ganhei um crédito mensal muito alto, numa livraria ao lado do escritório. Resultado: formei-me com cerca de 3.200 livros na prateleira. Minha biblioteca era maior do que de muitas faculdades e por isto, sempre li muito.

Com 20 anos, em 1995, abri meu primeiro negócio sozinho, uma importadora de produtos automotivos. O mercado de importados estava crescendo vertiginosamente

no país porque Fernando Collor havia aberto as importações que até então eram super restritas. O tempo passou e inúmeras oportunidades me permitiram juntar um bom dinheiro antes de vender a empresa para um de meus principais clientes que até hoje trabalha no ramo.

Por conta deste histórico profissional precoce, abri meu atual escritório de advocacia logo que conquistei a minha licença de Advogado, a OAB. Muitos me acharam louco por correr este risco, mas naquela época eu já sabia que tinha a experiência profissional suficiente para tocar minha própria empresa. Sim, não enxergava como um escritório, mas como uma empresa.

Sei que o meu meio social foi um facilitador no início da minha empreitada. Conte com a ajuda de meu pai e de amigos, que no caso do escritório, me passavam processos menos importantes de suas empresas. Isso possibilitou o meu crescimento e consolidação no mercado com o direito. No entanto, na trilha da minha carreira, sempre procurei fazer o melhor, estudar continuamente e me associar a pessoas que me complementassem. Era uma coisa boa e ruim ao mesmo tempo. Tudo que eu fizesse de bom, seria espalhado naquele círculo de pessoas, mas os meus erros também teriam o mesmo destino.

Transição

Meu pai ficou doente quando eu tinha 26 anos. Achávamos que era um problema muscular, mas quando descobrimos o câncer em 2002, um médico deu apenas uma semana para ele. Nós ficamos arrasados e sem saber o que fazer porque ele sempre foi o pilar de toda a nossa família.

Procurei então o Doutor Antonio Carlos Buzaid, médico sensacional, que conseguiu prorrogar sua vida por cerca de seis meses. Não apenas um grande médico, mas principalmente um ser humano desigual.

Nesse período, meu pai começou a me preparar para uma série de coisas indiretamente, sem que eu percebesse claramente. Ele trazia situações hipotéticas e perguntava o que eu faria no caso, questionava minhas escolhas e contava histórias.

Dois dias antes de falecer, fomos informados pela médica do hospital que ele estava em estado de morte cerebral. Neste momento, pensei na segurança do patrimônio da minha mãe. Fiz uma interdição judicial solicitando que minha mãe fosse a curadora e em menos de 24 horas, consegui judicialmente o que buscava e tomei as medidas cabíveis transferindo todo o dinheiro para o nome da minha mãe. Após seu óbito, o motorista de meu pai, homem de sua extrema confiança, me entregou uma caixa e disse que eram ordens estritas dele que eu a abrisse.

Na caixa havia alguns documentos, títulos de ações e uma carta dizendo que tudo fosse dividido de maneira igual entre a esposa e os filhos. Mas a administração do patrimônio da empresa deveria ser feita por mim. Ele realmente havia me preparado a vida toda para ser o seu sucessor e, com 28 anos, eu tinha este novo desafio em minha vida. Mesmo que a contragosto de parte da família, passei a administrar a companhia que detinha todos os nossos bens.

A primeira experiência nos Estados Unidos

Poucos meses após começar meu primeiro curso internacional nos EUA, em 1997, conheci Miriam, nascida na Suíça e apelidada de Mia. Estudávamos na mesma faculdade. Inicialmente eu fui para um curso de aperfeiçoamento para melhorar o meu inglês e em seguida segui para o curso de International Business.

Foi durante sua pesquisa de conclusão de curso que nos vimos pela primeira vez, quando ela foi até a minha sala fazer entrevistas com os alunos. Senti uma grande atração à primeira vista. Mia era linda! Fiz um convite para sairmos e pouco tempo depois já tínhamos um relacionamento sério. Namoramos por cerca de um ano, período em que ambos concluíram os estudos. Mia chegou a prorrogar sua estada fazendo cursos extras até o término de minhas aulas para ficarmos mais tempos juntos.

A partir deste ponto, pairou uma grande indecisão sobre o nosso destino juntos. Gostava dela, mas queria voltar ao Brasil. Mia por sua vez me convidou para ir morar na Suíça. O convite tinha o aval de seu pai, que me ofereceu emprego em uma grande montadora de carros, da qual ele era diretor.

A situação ficou delicada, pois eu não queria ir morar em um outro país, sem entender a língua oficial e ter que me adaptar novamente a uma nova cultura. Ela também não tinha a intenção de vir para o Brasil pelos mesmos motivos.

Quando voltei ao Brasil, Mia começou a insistir para minha mudança à Suíça. Seu pedido teve a adesão empolgada de meu pai, que gostava muito dela e achava uma grande oportunidade em minha vida. Ambos quase me convenceram, mas minha indecisão perdurava.

Durante o tempo em que estive pensando, ela entrou no avião e veio para o Brasil para ficarmos juntos. Foram 20 dias, infelizmente, de muitos contratempos. Não foi fácil a adaptação aos trópicos. Mia ficou muito doente em pleno verão brasileiro, na praia de Ubatuba. Uma picada de pernilongo gerou uma alergia, seguida de febre e infecção. Depois de passar praticamente todos os dias adoentada, voltou à Suíça, com o futuro do nosso namoro ainda a ser definido.

Nós tínhamos um ótimo relacionamento. Mia lidava comigo muito bem, tinha uma maneira sutil e especial de se comunicar. Dizia assim: “Se você vier a Suíça, não precisa trabalhar, mas se quiser, meu pai está te oferecendo um emprego”. Ela nunca pressionava, dando espaço e de uma maneira muito calma. Mas eu não nasci para me acomodar em nada e muito menos à alguém, então aquela ideia simplesmente nem mesmo passaria pela minha cabeça.

Por outro lado, eu queria ficar no Brasil, montar meu escritório, prospectar meus primeiros clientes. E ir para a Suíça, significaria literalmente começar tudo do zero.

Depois de uns meses, Mia entrou no avião novamente para decidirmos nosso futuro. Tivemos uma conversa franca e madura, que selou nossos destinos. Nem eu queria ir para a Suíça e nem ela morar no Brasil, ainda mais após sua primeira experiência traumática no País. Mia sabia que, se ficasse, teria boas oportunidades profissionais. Era formada em administração e teria oportunidades em diversas empresas brasileiras adeptas à contratação de estrangeiros.

Mas isso não aconteceu. E foi assim que terminamos a relação. No nosso bate papo final, ficou claro que Mia precisava definir sua vida. Estava estagnada profissionalmente. Deixava de fazer cursos mais longos em outros países, aguardando a nossa definição. De minha parte não era justo protelar a decisão.

Eu realmente quase fui. Meu pai insistiu que era uma ótima oportunidade conhecer um novo país, outra língua, além de ficar com uma mulher especial como Mia, que todos adoravam. Eu o escutava muito e sabia que quando seguia suas orientações, teria sempre todo o seu apoio, mas desta vez optei por seguir minha intuição e vontade.

Depois que Mia voltou à Suíça, ainda nos comunicamos algumas vezes por e-mails, porém as mensagens foram ficando escassas até perdermos completamente o contato.

Pouco antes de sua última vinda ao Brasil eu já estava com meus 23 anos e eu havia acabado de conhecer Samantha, a futura mãe de meu filho Rapha.

O começo da minha família

O ano era 1998 e eu havia retornado dos Estados Unidos. Numa sexta-feira deste mesmo ano, convidei dois casais para um churrasco em casa. Flávia, uma amiga minha, pediu autorização para levar uma outra amiga.

Foi neste dia que conheci Samantha. Ela era linda, estonteante. Sua beleza se fez notar desde o momento que entrou em minha residência. Conversamos pouco no churrasco, pois ela era muito fechada, enclausurada em si mesma. Quem já a conhecia sabia que era tímida, mas quem nunca a tinha visto, pensava ser alguém arrogante e prepotente. Era avessa a dar abertura para conversas. Se alguém pedisse uma informação na rua, sua timidez fazia com que ignorasse a pessoa, fingindo que não escutou.

Senti interesse por ela, mas imaginei que não iria acontecer nada entre nós. Durante o anoitecer, Samantha pediu para ir embora, pois estava ficando tarde. Como os dois casais presentes queriam continuar comendo e conversando, me ofereci para levá-la.

Ao deixá-la na porta de casa, escrevi meu telefone num papel e falei:

- Aqui está meu telefone. Não vou pedir o seu, pois em momento algum você me deu abertura para isso. Também não vou te dar a oportunidade de me passar um número errado. Se você quiser me mandar uma mensagem para a gente se conhecer, ficarei feliz.

Dois dias depois, recebi um SMS no meu celular:

- Eu não sou boa nisso, mas senti vontade de te mandar esta mensagem.

Fiquei muito contente! No mesmo instante peguei o telefone e liguei para Samantha:

- Estou indo agora almoçar na fazenda dos meus pais, em Mogi das Cruzes. Vamos?

Francisca Paula de Jesus era a denominação da fazenda que meu pai e minha mãe tinham comprado no início da década de 70. O nome foi uma homenagem à Santa mineira, Nha Chica, de quem ele era devoto. A propriedade era uma paixão da família e não tinha objetivos de exploração comercial. Ainda assim, havia gado de leite, granja e plantações. Foi lá que passei boa parte de minha infância.

Em vez de pegar Samantha com meu próprio carro que poderia chamar a atenção para a época, usei uma Pampa azul do escritório. O objetivo da troca era me certificar de que ela gostasse de mim, independente de minhas posses. Lembro-me até hoje que o automóvel aparentava um aspecto velho e algumas curiosidades: o banco da frente era inteiriço e o cinto de segurança ficava somente na cintura. Quando cheguei, ela achou engraçado o modelo do possante. Seguimos viagem com um bate papo agradável até chegarmos na fazenda.

A partir de então, começamos a nos falar todos os dias. Até que em determinado momento simplesmente percebemos que estávamos namorando. Saímos juntos todos

os finais de semana, ambos completamente apaixonados e vivendo um relacionamento profundo.

Nosso principal refúgio era a fazenda em Mogi das Cruzes, onde meu pai construiu uma casa isolada para que tivéssemos nosso espaço. Samantha propunha melhorias contínuas no local, que ficava cada vez mais agradável e aconchegante. Passávamos o dia na piscina, andávamos de moto e praticávamos tiro, em um estande que construí no local. A marca do nosso relacionamento era a grande parceria que tínhamos e sua enorme paciência comigo. Claro que as brigas aconteciam, mas ela sempre achava uma forma de contornar e transformar as diferenças em algo positivo.

A fazenda, aliás, foi meu refúgio desde sempre. Lá, passei toda a infância me divertindo e aprendi muitas atividades da roça. Com cinco, para seis anos de idade, já pedia para a minha mãe me acordar às 5h para tirar leite das vacas junto com o caseiro. Eu gostava muito.

Dos meus oito anos, trago cicatrizes em cima do olho, nas costas e no braço esquerdo: De tanto estourar caixas de marimbondo com estilingue. O enxame vinha em minha direção e eu não dava a menor bola. Fui parar no hospital pelo menos umas três vezes com mais de 20 picadas nesta fase da infância.

Com cerca de 12 anos, entrei em um curso de apicultura com minha mãe. Criamos abelhas por um bom período na fazenda, com aquelas roupas que lembram astronautas, extraíndo mel e tudo mais. Chegamos a ter 20 caixas de abelhas. Eram longas tardes cuidando dos pequenos insetos.

Na adolescência, cheguei a arar 15 alqueires de terra para fazer plantações de mandioca, feijão e milho. Tudo isto guiando um trator gigantesco. Aprendi a guia-lo somente vendo os funcionários da fazenda trabalhar. Aquele lugar era o meu prazer.

Diante de todo o passado e história que a fazenda representava em minha vida, era muito gratificante ter Samantha como parceira de bons momentos no mesmo local. Mas nem só de flores vivia o nosso relacionamento.

A primeira saia justa da relação ocorreu quando o pai biológico de Samantha, mesmo com um bom emprego, se negou a pagar a faculdade da filha. Eles não tinham um relacionamento próximo naquele momento da vida dela, pelo desinteresse e pela distância que o próprio pai impôs ao cotidiano de ambos. Acho que nos quase 11 anos que estivemos juntos eu só o encontrei duas ou três vezes, o que de certa forma até foi positivo. Mesmo relutante, Samantha aceitou a minha sugestão de entrar com uma ação contra ele. Foi graças a isto, que conseguiu se formar em fisioterapia.

Vivendo juntos

O ano de 2002 foi um dos mais sobrecarregados e desoladores que vivi. Meu pai teve o câncer e minha rotina ficou caótica. Durante os 60 dias em que ele ficou internado na UTI, até o seu falecimento, eu conciliava duas viagens diárias ao hospital junto com minha mãe, aliado à minha rotina insana de trabalho. Na última semana, pedi que Samantha ficasse comigo em casa para me ajudar... Estava sentindo um desgaste físico e emocional gigantesco. Quem já passou por algo semelhante, sabe bem como é.

Após seu falecimento, Samantha pernoitou em casa mais uma vez, antes de retornar para sua residência de família no dia seguinte. No entanto, quando voltei do trabalho, ela estava no sofá e me disse:

“Minha mãe disse que como eu vim para cá por oito dias, minha casa é aqui agora –. Não fiquei surpreso diante do que eu já tinha visto anteriormente e, por óbvio, naquele momento passamos a viver como casados”.

Foi assim que começamos a morar juntos. Fui homem de pedir sua ajuda num momento devastador, seria também homem para assumir dentro de minha casa a mulher que amava.

O começo da vida a dois foi cativante. Fizemos, em outubro de 2003, a pedido de Samantha, uma celebração de casamento para poucas pessoas na fazenda de meus pais.

A nossa festa de casamento acabou sendo um pouco hilária. Armamos uma tenda de lona enorme no campo de futebol, mas não contávamos com a chuva massiva que iria cair naquele dia. Samantha se manteve adorável durante toda a cerimônia, levou no bom humor o vendaval que atingia a ela e a todos, além de rir do lamaçal que sujou o seu vestido e o de muitas convidadas.

Passamos 15 dias de nossa Lua de Mel em Miami. As viagens, aliás, representaram momentos notáveis ao longo de todo o nosso relacionamento. Visitamos diversos locais, como Buenos Aires, Bahamas, Punta Del Leste, EUA, dentre outros... e fizemos cruzeiros extraordinários pelo Caribe e América do Norte.

Uma passagem inesquecível ocorreu em um passeio nas Bahamas. Instalamo-nos no hotel e no dia seguinte pela manhã, quando acordamos, dentro do quarto estavam três trabalhadores repletos de pás, picaretas e outros materiais de construção. Tomamos um susto enorme e ficamos envergonhados por estarmos vestidos de pijama e camisola, no caso dela. Até cair a ficha levou um tempo. O hotel, de maneira absurda, alugou um quarto que estava em reforma.

Mas a história não acabou por aí. Trocaram-nos de quarto, mas desta vez, como estávamos intrigados, resolvemos fazer uma checagem geral no ambiente para evitar mais algum momento embaraçoso. Quando levantei a cama para ver o que tinha embaixo, algo surpreendente ocorreu. Simplesmente me deparei com um caixão embaixo do colchão, servindo de calço do estrado. Tratava-se de uma cama velha e frágil

que precisava de algum suporte. No fim da história, rimos, mas optamos por trocar de hotel. Brincamos que aquela era a suíte cativa do Conde Drácula.

O primeiro baque

Em 2005, nossa história passou um legítimo revés, quando Samantha estava grávida de dois meses. Neste período, morávamos em São Paulo, mas eu me deslocava muito a cidade de Bauru, por conta de um novo compromisso profissional assumido após a morte de meu pai.

Certa noite, parti em viagem a Bauru, preocupado com algumas cólicas que Samantha estava sentindo. Mesmo sugerindo que fossemos ao médico, ela optou por não fazer. Quando já estava na Rodovia Castelo Branco próximo de Botucatu, recebi um SMS, e fui informado de seu sangramento. Sua mãe estava se dirigindo até a nossa casa para auxiliá-la. Samantha insistiu de que não havia necessidade de eu voltar e que ela me manteria comunicado sobre qualquer nova informação essencial.

Logo que cheguei ao apartamento em Bauru o telefone tocou. Do outro lado da linha, Samantha me explicava que tinha acabado de perder o bebê, mesmo estando perfeitamente saudável até aquele dia. Foi um instante muito sofrido para nós dois. Fiquei consternado, com uma sensação de impotência e sem ação.

Anos mais tarde, depois de outras histórias que se sucederam, acabei me colocando em dúvida sobre se aquela gravidez realmente existiu. Samantha sempre teve uma insegurança muito grande com a possibilidade do fim do nosso relacionamento e de ficar desamparada. O relacionamento com sua família nunca foi dos melhores e isto a preocupava. Não sei até que ponto, mas por algumas vezes, pensei que nem eu e nem a família dela sabíamos de verdade o que acontecia nestas inseguranças da Samantha.

Recordo-me de que em muitas das perguntas que eu fazia sobre esta gravidez, eu não obtinha resposta, nunca havia visto um teste de gravidez ou um exame de sangue. Na noite do aborto natural, ela insistiu demais para que eu não voltasse da estrada para a casa. Enfim, é algo que nunca vou ter certeza, mas verdade ou não, é inquestionável que independente da resposta, o maior sentido de tudo isto era o amor que ela tinha por mim.

Em 2006, nosso relacionamento começou a dar os primeiros sinais de desgaste mais intensos. Tivemos criações bem diferentes e nossos temperamentos também traziam conflitos às vezes. Diante disto, optamos por adiar o projeto de ter um filho até que as coisas se assentassem. Samantha concordou em colocar um DIU. A alternativa anterior escolhida, a pílula anticoncepcional, acentuava sua depressão.

Meses depois, em função da deterioração da nossa convivência, planejei uma viagem de mergulho com amigos para Aruba. Combinei que, na volta, iríamos tomar uma decisão definitiva sobre o nosso futuro. Parti em viagem com uma sensação estranha, pelo jeito fácil e simples, com que ela concordou em ter aquela conversa futura porque esta não era a reação costumeira. Quando o assunto era nosso relacionamento, a princípio ela reagia de forma agressiva e em seguida se acalmava e administrava tudo com a maior doçura do mundo para evitar o término.

Já em Aruba, quando voltava de uma aula de mergulho, soube por uma amiga do grupo que posteriormente se tornou madrinha do Rapha, que Samantha estava tentando se comunicar comigo. Naquela ligação ela me informou que eu iria ser papai.

Aquela notícia gerou um genuíno turbilhão de emoções. Primeiro veio o questionamento sobre o que teria acontecido com o DIU? Depois, contestei a própria autenticidade da informação. Seria mais uma desculpa momentânea para manter o relacionamento? Mas, não lhe disse nada a respeito apenas fiquei feliz e pedi que ela ficasse em casa pelos próximos dois dias, até que eu chegasse para que pudéssemos ir juntos ao médico e cuidássemos com a máxima cautela do bebê.

Ao chegar ao Brasil, ela me mostrou os exames e confessou que havia retirado o DIU por sua própria decisão. O fato de não ter sido consultado sobre esta decisão me perturbou bastante. Mas nesse instante, minha emoção começava a ir em outra direção. Um misto de imensa alegria, insegurança e o medo da responsabilidade que implicaria em ser pai. Resolvemos juntos que o melhor a ser feito era investirmos na nossa reconciliação.

Durante a gravidez, nosso relacionamento voltou a ficar estável. A única desavença era supérflua e pueril: Samantha queria batizar nosso menino com o nome de Luca enquanto eu queria Raphael. Brincava com ela dizendo que Luca seria um menino que iria se sentar na primeira carteira da escola, mas como pai, eu queria que ele fosse algo mais descolado. Riamos bastante disso.

Ela passou a gravidez inteira fazendo o carinho na barriga e chamando o bebê de Luquinha. Por outro lado, eu mandei fazer todas as lembrancinhas de maternidade com o nome Raphael. Tudo no maior bom humor.

Rapha nasceu em 2007. Acompanhar aquele parto foi um momento mais mágico e únicos da minha vida. Tudo ocorreu perfeitamente, eu chorava demais. Após o nascimento, fiquei possesso, mas contido, quando ouvi o choro da criança ao receber a primeira vacina da enfermeira, uma injeção enorme na coxa! Percebi que durante toda a minha vida, não ia querer nunca que alguém o machucasse.

O nome Raphael

O funcionário do cartório era meu amigo. No momento do registro do nome, expliquei para ele que tudo já estava acertado com a mãe: iríamos batizá-lo Raphael. Quando voltei à maternidade, Samantha estava com ele no colo chamando-o de “Luquinha querido”. Comecei a rir e disse a ela que se continuasse a chama-lo de Luquinha, possivelmente gastaríamos uma fortuna com psicólogos na tentativa de restabelecer sua personalidade, porque ele já estava registrado com o nome de Raphael com “PH”. Ela deu risada e disse que tinha certeza que eu iria fazer aquilo, finalizou assinando o registro sem qualquer problema e encarando a situação, mais uma vez, com bom humor.

Desde o primeiro ano de nascimento do Rapha, Samantha foi uma excelente mãe, completa. E manteve este padrão por toda a sua vida. Nunca tive qualquer tipo de crítica em relação ao esforço, à dedicação e ao cuidado que teve com nosso filho.

A crise

Foi em 2007, quando o Rapha estava com seis meses, que meu relacionamento com Samantha começou a se desgastar mais profundamente. Já tínhamos passado por outras crises, antes do nascimento dele, mas desta vez a situação estava mais delicada.

Hoje, compreendo com mais facilidade que ambos foram responsáveis pela separação. De minha parte, cometi muitos erros. O principal deles foi a ausência. O meu trabalho demandava muito e exigia um nível de dedicação enorme. Por outro lado, em alguns momentos de folga em que poderia estar em casa, evitava. Procurava evitar ficar num ambiente contaminado por discussões e visões de vida antagônicas. Eu não sabia lidar com aquilo e muitas vezes preferi me isolar para preservar meu emocional e estar bem para trabalhar no dia seguinte. Eu me via como único responsável pela estabilidade da casa e da família, então, focava toda a minha energia a este propósito. Mas, o tempo e a maturidade, me mostraram que há coisas muito mais importantes.

Outra falha foi ter estimulado a acomodação de minha ex-mulher. Fiz absolutamente todas as suas vontades, desde o início de nossa relação, culminando em um custo de vida bem alto e desnecessário. Chegamos ao ponto de ter três pessoas fixas trabalhando em casa. Toda esta dinâmica fez com que Samantha ficasse completamente desinteressada em se desenvolver profissionalmente, e como pessoa.

Minha sequência interminável de viagens a trabalho e meu mestrado em “Mercado Financeiro Internacional” na época faziam com que Samantha se sentisse extremamente só e depressiva em casa. Nas minhas chegadas, as discussões eram inevitáveis. Eu chegava exausto e esperava encontrar minha mulher feliz, com notícias leves sobre nosso filho e o que eu via era exatamente o oposto. No entanto, nosso vínculo emocional tornava uma separação algo ainda improvável e doloroso.

Eu ficava muito frustrado com sua acomodação profissional. Ela se formou em fisioterapia e cursou até o terceiro ano de direito. Cheguei a abrir três negócios diferentes atendendo a seu pedido, mas todos foram descontinuados, pois à medida que demandavam mais dedicação, Samantha perdia o interesse.

Eu nunca desconfiaria que a viagem de um grande amigo originasse no fim do nosso relacionamento. Danilo, um grande amigo de infância, tinha como rotina fazer a prospecção do potencial econômico de países mundo afora. Numa ida à Rússia, ele que era solteiro, resolveu se aventurar amorosamente. Teve um *affaire* com uma moça local e encaminhou aos amigos uma foto da garota somente de calça jeans.

“Dani, I love you” era o que estava escrito na barriga de sua companheira, com um coraçõzinho bem na linha do umbigo.

Quando li a mensagem não senti nada específico. Devo ter dado alguma resposta para Danilo e segui em viagem a trabalho. Na volta para casa, uma surpresa, Samantha imprimiu a fotografia diretamente da minha caixa de entrada de e-mails.

Ela pensou que o destinatário da frase no corpo da mulher fosse eu. Meu nome, Daniel, tem o mesmo início de Danilo. Na foto, só constava “Dani”. Neste momento, após ouvi-la reclamar bastante, senti uma grande frustração. Foi como se toda a tensão acumulada ao longo do desgaste do nosso relacionamento tivesse chegado ao limite. Falei para ela que a foto era autoexplicativa e saí de casa. Na cabeça dela, uma traição havia ocorrido porque na sua frente estava a foto de uma moça que escrevera “Dani I love you” na barriga. E, futuramente, esta imagem seria usada como prova no processo.

Passada uma semana, com os ânimos mais calmos, expliquei a ela toda a história da foto e o mal entendido que havia ocorrido. Todavia, esclareci que nosso relacionamento tinha acabado, pois há tempos não estávamos bem.

Nesta época, habitávamos uma casa muito boa, no interior de São Paulo, e contávamos com três empregadas. Acertamos que Samantha ficaria em casa, com os custos sob minha responsabilidade. Eu me mudaria para o apartamento que tinha na Capital. Combinamos que eu passaria todos os finais de semana com o Raphael na casa que eles moravam e, caso ela optasse por ficar em casa conosco neste período, seria ótimo. Este modelo funcionou muito bem por um mês.

Até que certo dia, parti rumo a Portugal para uma viagem a trabalho de cinco dias. Na volta, estava exausto e ao chegar ao aeroporto enviei um SMS para ela dizendo que em poucos minutos estaria em casa e estava ansioso para matar as saudades do Rapha. Ela não respondeu. Pensei que pudesse estar dormindo ou tomando sol na piscina.

Lembro que ao chegar perto de casa estranhei a sujeira e a desorganização no entorno do imóvel, com folhas e gravetos. Imaginei que a responsável pela limpeza estava ausente por alguma razão.

Quando entrei em casa, levei um choque tremendo! Foi devastador. Tudo havia sido retirado do local, até os pregos da parede. Ao fundo, em nosso quintal, ouvi nossa cadela Mila chorando, com um aspecto deplorável, de quem estava há alguns dias sem comer.

Meu desespero foi total. Iniciei uma busca incansável atrás do meu filho. Passei noites inteiras na internet procurando em redes sociais e liguei para Deus e o mundo para descobrir seu paradeiro.

Samantha apareceu 20 dias depois com o Rapha nas mãos. Revê-lo foi reconfortante e muito emocionante. Mas junto com o pequeno, ela trouxe algo: um oficial de justiça com a ação de divórcio e um pedido de pensão de R\$ 35 mil reais por mês, mais do que eu ganhava na época. Segundo sua exigência, eu poderia ver o Raphael somente a cada 15 dias.

Decidi então contratar uma das Advogadas mais famosas e renomadas em divórcio de São Paulo. O que estava em jogo agora era o meu Rapha e nada mais importava. Em seu rol de clientes, brotavam artistas famosos, celebridades e grandes empresários. Antes disso, tentei diversas vezes um acordo direto com Samantha, mas ela parecia completamente obcecada em sua convicção, fruto de influência... sabe Deus de quem.

Até este momento, eu cogitava optar por uma guarda compartilhada, mas devido a uma série de atitudes que vinham acontecendo, mudei radicalmente de ideia. Rapha estava acometido com alguns problemas no trato digestivo e o médico prescreveu um vermífugo, que deveria ser tomado por ele e todos os adultos que tivessem convivência diária.

Comprei os remédios e pedi para Samantha distribuir aos membros de sua família. Expliquei que todos precisavam tomar, mostrei a receita e contei todo o relato do médico.

Um dia depois, Samantha me mandou uma mensagem dizendo que já tinha ingerido a medicação, mas com exceção dela, ninguém mais em sua casa iria tomar. Depois de cinco minutos, recebi por SMS um texto, de uma pessoa de sua família, me ofendendo e dizendo que o único verme da história era eu. Na mensagem, que guardo até hoje, a pessoa foi categórica ao afirmar que ninguém mais naquela casa iria utilizar o remédio.

Naquele instante, fui tomado por um insight profundo. Decidi que iria pedir a guarda definitiva do Rapha. Queria ser o principal responsável por sua criação. Não pela Samantha, mas pelas consequências que poderiam surgir na vida dele em razão do convívio dele com alguns sentimentos.

Contratei três detetives para coletar provas que me ajudassem no processo. Um ficava fantasiado de mendigo na frente da casa dela, reportando tudo. Outro, disfarçado de motoboy, evitava que ela sumisse de novo com o Rapha. E um terceiro, monitorava as redes sociais. Descobri muitas coisas e a maioria delas não tinha nada a ver com a Samantha, mas optei por não me meter em questões familiares e nem lavar roupa suja que não fosse da minha conta.

No processo, as Advogadas da Samantha pediam R\$ 32 mil para ela (Samantha) e R\$ 3 mil para o Rapha. A enorme lista incluía gastos exclusivos dela como lazer, turismo, cabelereiro, e outros luxos. Foram oito meses de agonia e desgaste emocional tentando reverter essa situação.

Nas primeiras quatro audiências, Samantha chorava muito e as coisas estavam completamente estagnadas. Seguindo a orientação de minha Advogada, contratei assistente social e psicóloga, ampliando ainda mais os custos.

Durante o desenrolar do processo, percebi que, com minha exceção, todas as pessoas envolvidas eram mulheres: Juíza, Advogadas, Promotora, Assistentes e Psicóloga. Não pretendo entrar no mérito da questão de feminismo ou machismo, até porque acho que qualquer movimento separatista desagrega muito mais do que soma, mas o fato é que aquele desequilíbrio de proporção de gênero estava favorecendo Samantha e nitidamente me pré-julgando, sem sequer adentrar ou conhecer a realidade dos fatos. Todas eram sensíveis com a possibilidade do pai ganhar a guarda de uma criança em vez da mãe, inclusive minha própria equipe.

Comecei a entrar em conflito com o meu time quando elas passaram a me sugerir a guarda compartilhada. Até que, em uma conversa mais objetiva, eu falei para defenderem o meu objetivo ou se retirarem do time.

- Doutora está bem complicado. A senhora está muito quieta, apática no processo e vamos perder. Suas assistentes estão muitos inertes e assim não conseguiremos nada - , afirmei para minha Advogada.

Em diversos momentos ela se comovia e agia de forma passional quando via minha ex-mulher chorar. Se envolvia emocionalmente, algo inadmissível para esta profissão. Minha psicóloga acalmava Samantha, quando deveria perceber que havia um teatro montado por sua defesa. Eu estava definitivamente perdendo aquele processo. E para mim não se tratava de perder dinheiro, mas de perder a oportunidade de ter a vida que eu queria para meu filho.

Depois de meses sem avanço cheguei a fazer uma proposta, que não foi aceita pela outra parte e nem pela juíza. Em um momento surreal de uma audiência, a promotora disse que conhecia meus tios e sabia que eles moravam em casas de R\$ 3 milhões de reais, portanto eu poderia arcar com estes custos.

- “Meu tio é meu tio e eu sou eu. Se a senhora quiser pode cobrar deles” – repliquei.

Como não houve acordo, decidi interromper a pensão. Estava convicto de que se tivesse de ser preso, iria. A cada mês que eu pagava, demonstrava que tinha capacidade financeira para isso, mas na prática eu não tinha e estava me desfazendo de patrimônio para arcar com as despesas. Uma hora, não teria mais de onde tirar e ali seria um caos ainda maior porque além de reviver novamente o mesmo processo, o faria sem recursos para financia-lo.

Guardanapo de papel

Chegamos à audiência decisiva com os ânimos bem acirrados. Eu já havia declarado que não iria mais pagar aquela pensão abusiva. Também me incomodava muito o fato de Samantha alegar que sem todo aquele montante, o Rapha iria passar necessidade, o que não era verdade. Ela estava totalmente orientada a dizer aquilo. Eu poderia fazer um capítulo inteiro sobre ética profissional das Advogadas que ela contratou, mas acredito que tiveram a lição que mereciam.

A audiência estava marcada para às 14h30 no fórum João Mendes Junior, em São Paulo. Samantha e suas Advogadas chegaram sem me cumprimentar e o começo foi somente às 16h. Uma prática infeliz de atraso da cultura brasileira, que aumenta a ansiedade e a angústia e todos os envolvidos na véspera de um momento como este.

Novamente, nada de concreto se desenhou ao longo da audiência. Samantha voltou a chorar, alegou que não conseguiria pagar a escola aquele mês e não chegamos a qualquer consenso.

Em determinado momento, eu pedi à psicóloga que apresentasse o laudo sobre quem deveria ficar com a guarda do Rapha. Minha própria Advogada me interrompeu dizendo que isto iria acontecer na ocasião oportuna.

- “Doutora o momento oportuno é agora” - falei
- “Quem fala aqui na audiência é a Advogada” - interrompeu a juíza.
- “Excelência, eu sou parte e Advogado” - lembrei.
- “Mas o senhor não se identificou como Advogado” – retrucou a juíza.
- “Claro que me identifiquei, na hora que entrei aqui nesta sala de audiência, dei a minha carteira com o registro profissional de Advogado e na minha qualificação como parte do processo, consta minha profissão e o número de Ordem” - disse.
- “Mas o senhor se identificou como Advogado no processo?” – ela perguntou.
- “Não, mas não preciso me identificar como Advogado no processo, pois minha identificação já diz que sou Advogado” - conclui.

Nesse instante com o clima totalmente carregado, afirmei:

- “Excelência, eu estou neste momento assumindo a minha representação. Passo a ser o meu Advogado neste processo”.

Difícil descrever a cena, mas tenho certeza de que é possível imaginar a expressão nos rostos de cada um naquela sala. Eu acabava de renunciar à liderança de uma das Advogadas mais caras e renomadas de São Paulo para assumir o risco e a responsabilidade de conseguir, ou perder de vez, a guarda do meu filho Raphael.

Após a juíza frisar que alguns procedimentos formais deveriam ser observados, voltei a destacar meu novo posto e teci comentários engasgados desde o início daquele litígio, meses atrás. Sim, naquele momento eu estava usando cada segundo da minha imunidade profissional para falar, com mais absoluto respeito, cada uma das palavras que precisavam ser ditas.

Expus porque a Advogada da minha ex-mulher Samantha estava agindo de má fé, e fiz considerações ao trabalho da promotora e da própria juíza.

Fui interrompido quando opinei que naquele ambiente estava instalado na mentalidade das pessoas um preceito de que o filho deve sempre ficar com a mãe, e de que a mulher é hipossuficiente (o que eu não concordo).

- “O senhor se cale para falar sobre este assunto e dizer o que eu acho ou deixo de achar. A juíza aqui sou eu e quem preside este processo também!”.

- “Doutora, o dia em que tiver que me calar como Advogado, abduco de minha profissão”
- respondi.

- “Se o senhor não se comportar, vai ser preso por desacato à autoridade” - enfatizou a juíza.

Neste momento, num ato de impulso, coloquei minha carteira de Advogado sobre a mesa e reiterei minhas palavras, em tom firme e olhando nos olhos da juíza, de que jamais me calaria como Advogado. Era como se eu tivesse colocado litros de álcool naquela sala e jogado um fósforo aceso.

A juíza então chamou o policial no corredor para efetuar a minha prisão. Foi neste momento que percebi que o desfecho dos oito meses mais infernais da minha vida poderia ter sido a minha prisão.

Imediatamente pedi a presença de um representante da OAB e afirmei: “Excelência se a senhora me algemar eu vou entrar com uma representação de abuso de autoridade e como Advogado eu invoco meu direito a imunidade e exijo um representante da OAB se a senhora insistir nesta questão de prisão”.

Ela esperou alguns segundos e perguntou:

- “O senhor está mais calmo?”

- “Sempre estive calmo, excelência” - respondi.

O policial se retirou a pedido da Juíza.

Percebendo que não havia clima, e nem controle emocional de ninguém naquela sala, expus que a audiência estava tomando um rumo incorreto, com uma série de informações importantes sendo relevadas, e outras sem importância, tendo um peso enorme.

Minha Advogada pediu à juíza para ter um minuto a sós comigo fora da sala, mas eu prontamente respondi a ela.

- “Doutora, fique tranquila, assumo minha representação e daqui para frente eu converso com a juíza”.

Pedi uma audiência para 15 dias e expliquei que aquele processo estava desgastando o mais vulnerável de todos os envolvidos: meu filho Raphael, com um ano e meio de idade na época.

Sai da audiência, cheguei em casa e liguei para a Samantha. Pedi para ela descer em poucos minutos, pois estava indo encontrá-la na casa de sua mãe. Fui tão assertivo que ela nem contestou. Naquela ligação, eu percebi que a Samantha que eu conhecia tinha voltado a si. Após entrar no carro, nos cumprimentamos e fomos conversando cordialmente o caminho todo.

- “O que aconteceu hoje que eu não entendi?” – ela perguntou.

- “Como você percebeu e já me conhece, chegamos ao limite. Estou assumindo a responsabilidade para resolver isto” – respondi.

“E como vai resolver?” – perguntou ela novamente.

- “Conversando. E se cada um de nós conseguir baixar a guarda e entender a necessidade do outro, hoje conseguiremos um acordo”.

Procurava um lugar calmo, sem pessoas passando, sem barulho, onde pudéssemos desabafar, chorar, rir, sentar e escrever tudo aquilo que viraria o nosso texto final de um acordo e quando passava na Marginal Pinheiros, antes que ela falasse qualquer coisa, sem pensar, embiquei o carro e entrei num dos motéis mais luxuosos de São Paulo. Foi o primeiro lugar que vi e eu não queria ficar andando de carro para dar a ela a oportunidade de ficar nervosa ou mudar de ideia sobre nossa conversa.

Samantha me olhou assustada e me falou que eu estava louco se achava que iria acontecer alguma coisa entre nós.

Eu que disse que ela estava louca de pensar isto. Queria apenas sentar e conversar. E me conhecendo há mais de 10 anos, ela sabia bem que era exatamente isto o que iria acontecer porque eu sempre sou muito objetivo naquilo que quero.

Ao entrar no quarto, continuamos o nosso diálogo, e eu a conduzi espontaneamente até a beira da piscina. Quando ela estava próxima da borda, dei um toque bem sutil em suas costas, e a empurrei gentilmente para dentro da piscina. Fiz tudo sem planejar nada.

De dentro da água, totalmente encharcada ela começou a me questionar furiosamente sobre o porquê daquela atitude.

Na minha cabeça eu pensava que ela precisava se desarmar mentalmente para chegarmos num acordo. E aquela cena fugia tanto do senso comum que atingi meu

objetivo. Ela saiu da piscina reclamando e rindo ao mesmo tempo, se acalmou e se enrolou numa toalha e riu muito, mas muito mesmo.

- “Você percebeu o que aconteceu hoje na audiência, é isto que o que você quer - perguntei?”

Ela começou a chorar, disse que sofria muita cobrança da família e sua vida estava uma porcaria.

- “Gostaria de fazer diferente” – ela afirmou.

- “A gente pode fazer diferente, o que você quer?” – questionei.

- “Eu quero ter paz e estabilidade” – ela respondeu.

Começamos a fazer as contas de quanto ela precisava para ter uma vida sossegada e estável. Combinamos de eu dar um carro para ela, alugar um flat e garantir uma boa quantia mensal por cinco anos.

Só pedi uma coisa: a guarda do Rapha. No entanto, prometi a ela acesso irrestrito ao meu filho. Ela compreendeu que eu estava mais estruturado para criá-lo. Não tinha nada a ver com dinheiro, era proximidade dele, afinidade e disponibilidade para proporcionar os melhores momentos.

Chorando, Samantha me disse:

- “Não tenho dúvida que você será o melhor pai do mundo, seria injusta se privasse isto do Rapha”.

Eu liguei para a recepção. Pedi duas águas e três guardanapos. Acho que deve ter sido o pedido mais inusitado que a telefonista de um motel já recebeu. E foi nestes guardanapos que escrevemos todo o contrato que tínhamos acabado de acordar. Enquanto escrevíamos, pedimos para secar as roupas de Samantha.

Choramos demais voltando para a casa. Notei que Samantha tinha voltado a ser “ela mesma”, que estava leve e que a partir dali tudo seria diferente.

Ela desceu do carro, me abraçou, subiu e pegou o Rapha. Levei-o para casa e aluguei um flat para ela na mesma semana. Deste dia em diante, tudo ficou tranquilo em nossas vidas.

A amizade

Samantha virou a minha melhor amiga após definirmos a guarda do Rapha e, sem demagogia alguma, confesso que nos tornamos verdadeiros parceiros na missão de criar o nosso pequeno. Quando mudei para os Estados Unidos, ela vinha nos visitar e continuou sendo a supermãe.

Deste momento em 2007 até 2016 tudo transcorreu muito bem. Nem sempre concordávamos com tudo, mas tínhamos um imenso respeito mútuo. Mas foi então que algo inesperado aconteceu, Samantha não estava satisfeita com o trabalho e em função disto, combinamos de providenciar sua mudança para os Estados Unidos gradualmente. Assim, poderia ficar mais perto do Rapha, tentaríamos um visto de trabalho através de sua profissão e ela poderia ter melhor qualidade de vida.

Planejamos sua mudança provisória para julho de 2016. Ela passaria 60 dias estudando e se estruturando. Voltaria ao Brasil para aplicar seu visto de trabalho e então, com tudo certo, se mudaria de forma definitiva. Em junho, numa terça feira, ela me ligou e disse que tinha mudado os planos da viagem para agosto. Pediu que eu ajustasse a passagem dela e o hotel porque aproveitaria este momento para passear nos parques com o Raphael durante suas férias.

Dois dias depois, uma amiga da mãe dela deixou um recado em meu escritório pedindo retorno urgente. Não sabia quem era aquela mulher, mas retornei a ligação e pelo telefone, através de uma desconhecida, fiquei sabendo que Samantha tinha falecido por um infarto fulminante.

Busquei o Rapha no basquete naquele fim de tarde em estado de choque. Ele ficou completamente arrasado com a notícia da morte da mãe que tanto amava, com apenas 35 anos de idade. Foi muito sofrido para todos nós, minha única preocupação naquele momento era acalmá-lo e protegê-lo daquele impacto. Ele sabia das intenções da mãe em se mudar brevemente para os EUA e estava muito feliz com esta expectativa. Ele levou um ano e meio para compreender a perda da mãe. Durante este período, ficou triste, arrasado. Chorava muito sempre que se recordava dela.

Pai solteiro

Quando ganhei oficialmente a guarda do Rapha, dias após a conversa com Samantha, levei-o imediatamente para morar comigo em Bauru, interior de São Paulo, local escolhido para criá-lo com uma boa estrutura, segurança e tranquilidade. Por incrível que pareça, fiz toda a mudança de São Paulo para Bauru em menos de um mês, justamente para que o Raphael pudesse ter mais tranquilidade, para que pudesse crescer solto no condomínio e viver longe do caos de São Paulo.

Meu começo de vida, como pai solteiro em Bauru, para a surpresa de muitas pessoas, foi muito tranquilo, mesmo sendo trabalhoso. Nunca tive grandes problemas e mesmo com algumas dificuldades consegui conciliar a criação de meu filho com meu trabalho e meus estudos.

Contratei uma empregada para ficar em casa das 7h às 16 h, durante a semana e nunca precisei de nada, além disso. É claro que abri mão de muitas coisas como festas e eventos sociais, mas não me arrependo. Em nenhum momento meu filho me prejudicou ou privou. Pelo contrário, tenho certeza de que o Rapha me ensinou muito mais do que aprendeu comigo. Vivendo com ele, amadureci, e passei a pensar mais nas consequências dos meus atos, a ser mais cauteloso e valorizar as coisas mais essenciais da vida. A partir daquele momento, minhas atitudes impactavam diretamente na vida dele. Parei, por exemplo, de correr que nem um louco com meu carro pelas estradas com o intuito de chegar mais rápido em reuniões ou de ter mais tempo para estudar. Hábito infeliz que só consegui mudar graças ao extraordinário processo de criação do meu filho. Passei a medir mais os riscos que tomava em minha vida pessoal e profissional.

Percebi que muitos dos meus amigos daquela época estavam do meu lado somente pelo dinheiro. Estar ao meu lado na noite, naquela época, era a garantia de frequentar baladas caras e divertidas e impagáveis. Quando interrompi as noitadas, vários desapareceram. Na época eu senti bastante porque tudo parecia se esvaziar, mas o tempo me mostrou que Deus as vezes espera que a gente esvazie o copo para depois encher com outras coisas melhores.

Mesmo estando muito longe da perfeição, vejo que meus esforços foram compensados. Desde pequeno, Rapha é muito sociável e extremamente elogiado por sua educação. Até hoje é um garoto que não incomoda e não tem comportamentos inconvenientes. O fato de ter sido criado somente por um homem não o impediu de ter uma postura madura (para a sua idade) e agradável em qualquer ambiente, coisa que muitos jovens de hoje em dia não conseguem. Sempre o tratei com respeito e como alguém que deve ser responsável, nunca como um bebê. Cobro responsabilidades (proporcionais em

relação a idade) desde que era uma criança. Ele se tornou um adolescente independente, que cuida de si, sabe cozinhar e entender perfeitamente o seu espaço.

Sua criação teve a influência direta da maneira rígida que meu pai me educou. Sempre fui estimulado a ser responsável, tanto que comecei a trabalhar aos 13 anos de idade. Desde criança, quando estava na estrada e perguntava ao meu pai quanto faltava para chegar, ele me instruía a prestar atenção nas placas e calcular o tempo em razão da velocidade que estávamos e da distância que faltava. Sim, com oito anos, eu aprendia a fazer cálculos de cabeça ou eu ficava sem resposta. Meu pai raramente me dava uma informação de mão beijada, porque seu objetivo sempre foi me incentivar a descobrir as respostas pelo meu próprio esforço.

Em Bauru, buscava o Rapha no colégio às 15 horas e passava todas as noites sozinho com ele. O colocava para dormir às 21 horas e terminava os meus trabalhos em casa. Éramos só nós dois. Como não tinha muita proximidade familiar com os irmãos do meu pai que moravam na cidade, só contava com o suporte da Val, nossa empregada e amiga.

A maior parte de nossos finais de semana era aproveitada na piscina de casa, que ele adorava. Morávamos num condomínio ao lado de uma fazenda. Outro passatempo predileto era passear num quadriciclo pelas estradas de terra.

Quando penso em sua infância, concludo que Rapha teve uma vida diferente, adorável e privilegiada, graças à Deus. Todo o esforço valeu a pena e ocorreu de maneira natural. Por isso, sempre me incomodo bastante quando vejo pessoas ou casais reclamando da falta de tempo para cuidar dos filhos. Todos temos responsabilidades e na maioria das vezes elas nos consomem sim, mas quando queremos, encontramos formas de ajustar os ponteiros. Às vezes, penso que muitas pessoas usam os filhos para justificar o próprio fracasso e se isentar da culpa.

Desde sempre viajavamos com certa frequência para vários países, especialmente para os Estados Unidos, onde tenho negócios desde 2002. Numa destas oportunidades, levei Rapha para assistir a um jogo do Miami Heat, time de basquete da NBA. Ele ficou completamente encantado e me pediu uma bola de basquete. Quando voltamos para o Brasil, ele jogava diariamente no quintal de casa. Neste período, era normal irmos alguns finais de semana para São Paulo, oportunidade em que o levava ao Parque do Ibirapuera para jogar e se divertir um pouco. Mesmo pequeno, ele sempre queria jogar com os adultos nas quadras. Certa vez, um jogador do Clube Pinheiros, que dividia a quadra com ele, me orientou a colocá-lo em alguma escolinha. Disse que o Raphael “tinha um dom que devia ser explorado” habilidade diferenciada com a bola para a sua idade.

Não dei tanta importância de imediato. Achei até que o Rapha estava batendo a bola de qualquer jeito. Cheguei a pensar que o jogador iria se oferecer para dar aulas ao Rapha para ganhar algum dinheiro e acabei ignorando. Passado algum tempo depois disto, estávamos batendo bola em Bauru, quando um “street baller” também comentou que o Rapha tinha um talento para o basquete.

Com estes dois comentários na cabeça, aproveitei as férias nos Estados Unidos para colocar o Rapha num *Summer Camp* específico de basquete para crianças, todos os dias das 9 às 15 horas.

Ao final do período, o instrutor me sugeriu apostar na carreira dele, pois tinha uma habilidade diferenciada para sua idade. A partir deste momento, me convenci de que daria todo o meu apoio e contratei uma professora particular três vezes por semana durante quase um ano. Isso ocorreu um ano antes de mudarmos para os EUA.

No basquete, Rapha havia puxado o meu pai, que chegou a jogar pelo time do Mackenzie, em São Paulo, mesmo time que iniciou o ídolo Oscar. Lembro que quando era pequeno na fazenda, todo final de semana meu pai ficava sozinho na quadra arremessando a bola na cesta. Quando jogava contra ele, era impossível ganhar.

Depois deste ano, tomei a decisão de realizar o antigo sonho de morar nos Estados Unidos. Sempre tive uma ligação profunda com este país e em 2008, já trabalhava com processos de imigração de Americanos e Canadenses que eram transferidos para o Brasil através de multinacionais. Perdi a conta de quantos imigrantes legalizei no Brasil e isto me direcionou para a legislação internacional que, ao longo destes anos, se tornou minha especialidade. Mas, voltando à mudança para os Estados Unidos, o meu motivo principal era proporcionar ao Rapha a possibilidade de praticar basquete no País que mais valoriza, e que tem a melhor estrutura do mundo para este esporte. Profissionalmente, e financeiramente, eu estava bem em São Paulo e a mudança, na verdade, aumentaria os gastos e exigiria uma nova estrutura de apoio e trabalho.

Outra questão que pesou bastante na decisão foi a segurança. Já fui sequestrado duas vezes e passei por um assalto em São Paulo. Depois disto, entrei em uma paranoia profunda, passei a andar armado até para tomar banho e certamente não era aquilo que eu queria para a minha vida.

O primeiro assalto sofrido, com 23 anos, foi saindo do escritório. O assaltante bateu no vidro do meu carro com uma arma, me chamou pelo nome, falou para descer e deixar minhas coisas. Já o segundo sequestro durou cinco horas. Fui pego na Avenida Faria Lima, em São Paulo. Bandidos armados me levaram a caixas eletrônicos para fazer vários saques. Graças à Deus, não estava armado neste dia, pois tive oportunidades para reagir e uma tragédia poderia ter acontecido.

Portanto, ao sair de São Paulo para os Estados Unidos, também evitaria que o Rapha passasse por coisas ruins como essas que vivi no Brasil, principalmente na questão de segurança, nosso principal problema e a maior razão de as pessoas quererem sair do País.

Antes de mudarmos, Rapha fez 16 seletivas para times de basquete e passou em 14 times norte-americanos. Lá, existe uma estrutura excepcional para pequenos de quatro ou cinco anos começarem no esporte. Na seletiva, fazem diversos testes por três ou quatro dias.

Escolhi Miami, primeiro porque sempre foi minha paixão e depois, os principais times de basquete do País para crianças e adolescentes ficam nesta região. Sempre tive claro na minha cabeça que moraríamos nos locais que atendessem às necessidades do Rapha. Mas antes de tudo isto, tive que convencer Samantha a aceitar que eu mudasse com nosso filho para outro país. Foi um longo processo, pois ela não queria ficar longe do Rapha, mas aceitou por saber que isto seria o melhor para ele.

Programei-me para ficar 60 dias nos Estados Unidos. Esse período serviria para meus estudos de mercado, alguns cursos que eu queria fazer e foi um teste de adaptação para Rapha no novo País, no basquete, no inglês. Tudo ocorreu muito bem e decidimos seguir com o passo a passo. O time escolhido foi o Warriors, a quatro quadras de casa. A estrutura da equipe é excelente, de elite, tanto que a maioria dos times juvenis é campeã.

Rapha joga desde que mudou para os Estados Unidos, todos os dias, de segunda a sábado das 15h às 19 horas. Nunca reclamou de cansaço e ele realmente ama o que faz. Sua vida desde a mudança é estudar e treinar. Nos primeiros meses de treinamento, já percebi uma evolução grande no seu jogo. Desde o começo, chego um pouco antes de o treino acabar, para incentivá-lo e acompanhar sua evolução.

Reflexão

Entendo que mudamos para os Estados Unidos no momento ideal. Deus faz as coisas acontecerem no momento certo. Convencer Samantha não foi fácil, superar as dificuldades de mudança não foi fácil também, readaptar uma vida profissional com a base principal de meus negócios, em outro país, também não foi fácil, mas superamos cada um destes momentos e aprendemos que o mundo não é tão grande e assustador quanto parece à primeira vista.

Do ponto de vista pessoal, foi muito difícil. Tive que lidar com situações que não estava acostumado. Em São Paulo, como paulistano, passava despercebido na metrópole gigante. Você é simplesmente mais um e as pessoas não têm tempo de se preocupar com a vida dos outros porque tudo é muito dinâmico.

Já em Miami, brasileiros acabam sendo conhecidos dentro da comunidade, assim como qualquer estrangeiro ou imigrante em um País novo. Se este imigrante tiver êxito profissional acima da média, será ainda mais notado por sua comunidade e foi isso que aconteceu comigo. Muita inveja profissional, mentiras e fofocas foram enfrentadas desde sempre. Vi e vivi cada coisa que poderia até escrever um outro livro inteiro sobre isto. Para me blindar, mantenho uma postura mais reservada e uso bastante a estratégia da confusão. Assim, as pessoas só conseguem acesso à parte que eu permito que elas vejam da minha vida, e da forma que eu quero que elas vejam. Chega a ser divertido ver as pessoas fantasiando histórias mirabolantes para criar fofocas que sempre caem por terra porque elas realmente não fazem a menor ideia de como é a minha vida e desta forma, elas mesmas acabam caindo em contradição sem eu dizer uma única palavra.

O primeiro ano fora do Brasil foi marcado por uma forte angústia e mais de seis meses de terapia, até que desisti e busquei meus próprios mecanismos para me curar. Tinha de dar conta do meu emocional, cuidar do Rapha e de cada uma das minhas responsabilidades no Brasil e nos Estados Unidos.

Do ponto de vista profissional, apesar de ter empresa e sócios nos Estados Unidos, a mudança representou um desafio enorme. Precisava que meu escritório crescesse para ajudar a me custear em dólar para não depender somente de minha empresa brasileira. A mudança reforçou a percepção de autoridade e credibilidade junto aos meus clientes, trouxe diversos aprendizados e possibilitou que continuasse meus estudos.

Meus clientes continuam sendo estrangeiros transferidos para o Brasil e agora, brasileiros que buscavam através dos consulados e embaixadas, a oportunidade de morar, empreender e trabalhar em outros países. No entanto, a base no exterior não era fundamental, mas ajudou a solidificar alguns de meus projetos, abriu minha visão de mundo e gerou mais oportunidades aos próprios clientes.

O segundo ano nos EUA

No segundo ano nos EUA, mudei para um apartamento menor com objetivo de ter mais praticidade e economia. Todo mundo que chega quer manter os mesmos padrões que tinha no Brasil, e logo percebe que é tudo muito diferente. Neste período, já estávamos adaptados e tudo começava a fluir melhor. Mesmo assim, a pressão emocional ainda era enorme, mas eu não deixava transparecer para absolutamente ninguém.

A mudança de país é algo sofrido em vários aspectos e eu vejo a história se repetir na vida de inúmeros brasileiros que se mudam para o exterior. Muitos passam por momentos desoladores, por incontáveis mudanças que ocorrem subitamente na vida: nova língua, cultura, clima, ausência de familiares e amigos, solidão.

Alias, solidão nunca foi um problema para mim. Acho que Aspergers têm facilidade em lidar com isto. Gosto de estar sozinho as vezes... ler um livro, escrever um texto, refletir sobre algo novo.

No caso de Miami, por exemplo, não tem montanha. Uma simples nuvenzinha pode ficar gigantesca a qualquer momento e virar uma tempestade. Isso quando não se trata de um furacão. São coisas novas que o imigrante vai convivendo, se adaptando e uma hora passa a tirar de letra. A comunidade brasileira também não é das mais receptivas, principalmente quando sua chegada representa concorrência no mundo dos negócios, falta união ao nosso povo neste sentido e o que mais escutamos é “fique longe de brasileiros”.

Mesmo com todo o desgaste emocional, tinha o desafio de ampliar a rentabilidade de minha empresa nos Estados Unidos, uma vez que todos os meus custos agora eram em dólares. Mas, acho que este é meu ponto mais forte, trabalhar no caos da pressão. É neste ambiente que meu cérebro funciona melhor, onde sou mais criativo e onde trabalho dia e noite para me superar.

Comecei a mudar uma série de coisas na minha vida, passei a praticar esportes, procurei estudar mais e mais, busquei criar coisas novas e aprender com as minhas falhas. Fui mudando pequenos hábitos, e aos poucos, percebi que tudo estava melhorando.

Sim, claro que houve muitos acertos, mas também foram incontáveis erros até acertarmos os trilhos e no momento que aprendemos a enxergar estes erros ao invés de justificá-los, entendemos que é possível refazer tudo do zero, e de uma forma diferente.

Nestes tempos, Rapha seguia firme em seus treinos diários de basquete e isto era o que mais me importava. Ficou um ano inteiro somente praticando e no segundo começou a disputar campeonatos. Era surpreendente sua evolução, e como se destacava entre seus

companheiros de equipe. Minha satisfação em acompanhá-lo nos treinos, e nos campeonatos, era muito grande.

Vida de Youtuber

Eu sempre li e escrevi muito. Sempre gostei de publicar textos, artigos, teses que eu criava. Se você entrar no Google e digitar algo como “Daniel Toledo Advogado”, verá a quantidade de artigos, textos, teses e trabalhos que publiquei nestes últimos 15 anos. Acredito que o Advogado deve sempre estudar, se reciclar, e não há forma melhor de aprender do que escrever e ensinar. Isto incomoda muito aqueles que não conseguem o mesmo resultado. E, geralmente, estas mesmas pessoas preferem usar seu tempo para criticar ao invés de iniciar, naquele momento, algo realmente bacana para ela mesma.

Mas eu queria criar algo onde pudesse falar para as pessoas e não apenas escrever. Queria usar uma linguagem simples, não jurídica, que qualquer um pudesse entender e assimilar a mensagem de forma fácil e descomplicada. Foi quando tive a ideia da criação do um canal no YouTube. O primeiro vídeo foi um verdadeiro desastre! Vídeos ruins, com som ainda pior, e sem nenhuma experiência de falar em frente as câmeras.

Depois de um tempo, o Rapha também criou seu próprio canal sobre basquete. Ele chegou ao expressivo número de 20 mil seguidores em menos de um ano. No entanto, nem só de alegrias vive um Youtuber. É muito comum que pessoas que tenham canais com bastante seguidores apresentem picos de ansiedade, e doenças emocionais constantes. Depressão, desanimo, frustrações etc.

Faço parte de três grupos de youtubers e posso dizer com conhecimento de causa, é difícil lidar emocionalmente com os chamados “haters”, pessoas medíocres que vivem o ambiente da internet somente para externar as suas próprias frustrações, falar mal e ofender. Os perfis, que adotam essa prática, quase sempre são fakes para passar a falsa ilusão de que estão “protegidos” pelo anonimato. Ha diversos estudos que falam sobre os “haters”, e todos eles seguem na mesma linha e desenham pessoas frustradas que não suportam imaginar alguém com resultados melhores do que os delas.

De cada 100 elogios, um insulto “hater”. Mas não é para menos, somos ofendidos gratuitamente, por inveja, odio, criticam meu filho, ameaçam, chantageiam. No início, essa confusão me perturbava, mas o tempo me mostrou que faz parte e hoje até dou risada porque aprendi a enxergar o tamanho da frustração da pessoa que me segue apenas para dar um “dislike” ou comentar algo negativo. Deve ser um verdadeiro martírio viver neste sofrimento que ela mesma escolhe permanecer, dia após dia, ano após ano. Mas, quando aprendemos a compreender as escolhas dos outros, aprendemos também a respeitá-los e isto não nos afeta mais.

Já tive vontade de desabafar completamente na câmera, mostrar quem é quem, mas isto só traria visibilidade para alguém que é apenas mais um desconhecido. Meu compromisso sempre foi produzir um conteúdo onde não haja alterações emocionais, sem vocabulário chulo e que as pessoas possam assistir tranquilamente com a família e

seus filhos menores, sem se preocupar com surpresas, palavrões ou agressividade. E este nível eu mantive em cada um destes anos. Não é fácil, já cheguei a ser chantageado algumas vezes para não colocarem Fake News na internet, já fizeram perfil falso para me prejudicar e até mensagem mandaram para meu filho dizendo que ele era adotado ou fazendo piadas com a falecida mãe dele. Mas, o tempo passa e basta um pouquinho de inteligência para perceber as reais intenções daqueles que se sujeitam e dedicam seu tempo a isto.

Dedicação ao escritório e ao basquete

Desde o início, eu sempre estive extremamente focado nos meus compromissos e exigia que o Rapha assim fosse com os dele. Por isso renunciamos a muitas coisas. Ele se dedicava intensamente ao basquete e eu cuidava da minha carreira, de casa e do bom andamento de nossas vidas. Viajamos pelo mundo todo, mas sempre a trabalho. Tudo corrido, programado e com a agenda super regulada. Então, a vida glamourosa que as pessoas imaginam por causa das viagens é, na verdade, o cumprimento de obrigações profissionais.

Somente em 2019 conseguimos uma semana de descanso que encaixasse na agenda dos dois.

Em 2017, aconteceu um fato inesperado e curioso. o Raphael estava competindo pelo Warriors e já havia se consolidado como peça chave e titular da equipe, foi quando contrataram um técnico jovem para cuidar do time. Percebi desde o início que ele não era comprometido com sua nova função, chegava sempre atrasado. Eu passei a notar que o time não era a sua prioridade.

Rapha sempre foi o melhor arremessador do time, seu grande diferencial são as cestas de três pontos, fator de desequilíbrio nas partidas e o que o ajuda a manter sua média na casa dos 22 pontos por jogo. O novo treinador, no entanto, não gostava que Rapha fizesse estes arremessos e isso acabou impactando nossa vida. Rapha começou a fazer somente cinco a seis pontos por partida, e de repente, teve sua autoestima e seu emocional afetados. Já fazia tempos que eu estava incomodado com este técnico e inclusive reclamado para a direção do clube.

Nos jogos, eu via certa animosidade do treinador com o Rapha. Quando ele começava a pontuar, logo era substituído. Seu talento estava sendo desperdiçado naquele momento, e aquilo me matava por dentro. Num jogo, Rapha fez seis pontos nos primeiros segundos e o treinador o deixou no banco por 22 minutos depois disto, uma espécie de punição, sendo que ele era titular absoluto da equipe.

Num dos últimos jogos do campeonato daquela temporada, Rapha foi disputar uma partida como um dos únicos titulares presentes naquele dia. Alíás, por estímulo meu, Rapha sempre foi o jogador mais participativo e disponível para a equipe, nunca faltou nos treinos, sempre disputou todos os campeonatos e até hoje tem um treinador particular em todos os dias da semana.

Neste jogo, dos 11 jogadores do time, faltaram cinco, então só havia um reserva. O treinador impediu que Rapha aquecesse para conversar com ele em particular, explicou

que o time estava desfalcado, então a responsabilidade de vitória no jogo era toda do Rapha.

Percebi que meu filho se sentiu pressionado, pois veio ao canto da quadra conversar comigo. Durante a partida, o técnico gritava o tempo inteiro com ele, deixando-o cada vez mais estressado. No intervalo, Rapha estava muito acelerado e logo no retorno respondeu ao treinador. “Se você não está satisfeito me tira do jogo”. Para demonstrar sua autoridade, foi exatamente o que o técnico fez. Nesse momento, eu já estava bem nervoso. Atravessei a quadra com o jogo rolando, pedi para o Rapha guardar as coisas dele para irmos embora.

O técnico me advertiu e falou:

- “Enquanto ele estiver dentro da quadra é meu”.

- “Enquanto ele estiver nesse planeta é meu filho” – respondi.

Pedi novamente para Rapha colocar as coisas na mala, quando o treinador se interpôs entre nós. Neste momento, nós estranhamos, mas fomos separados pelo juiz e pelo treinador da outra equipe. Depois de todo este imbróglio, peguei o Rapha e fomos embora do jogo.

Deste dia em diante, repensamos se realmente valeria a pena continuar na equipe com aquele clima. Rapha não jogou os dois últimos jogos da temporada e a equipe perdeu ambos, despencando na tabela. Marquei uma conversa com a diretoria e quando soubemos do desligamento do treinador, optamos por seguir no time.

Síndrome de Asperger

Com cerca de oito anos de idade, comecei a perceber que era diferente das outras crianças. Tudo parecia muito monótono, a professora da escola me entediava, eu tinha poucos amigos, luzes e barulhos me incomodavam muito. Mas eu tinha uma imensa facilidade de ler, aprender e nitidamente meu raciocínio era diferente dos demais.

O momento do intervalo do recreio era um sofrimento, pois eu estudava no Dante Alighieri e o Sr. Lino tocava o bendito sino que ecoava nos meus tímpanos como se houvesse uma catedral dentro do meu cérebro. Não me interessava pela conversa dos garotos da minha idade, e também não gostava que me tocassem. Na verdade, não fazia nem questão de ser cumprimentado. Vivía com uma sensação de que estava no lugar errado. A brincadeira mais horrível da minha infância era, esconde-esconde, porque tinha toque e detestava grito, duas coisas que me incomodavam demais. Anos mais tarde fui diagnosticado com Síndrome de Asperger.

Desde a minha infância até minha pré-adolescência, meus pais foram várias vezes convocados para conversar com a orientadora. Ela explicava que eu tinha dificuldade de me socializar, mas eles não sabiam exatamente o que fazer com esta informação. Na verdade, ela não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Isto me abalava muito, principalmente na pré-adolescência, fase em que os meninos costumam se auto afirmar. Eu não tinha esta necessidade.

Depois de serem chamados na escola muitas vezes pela minha falta de socialização, meus pais resolveram finalmente me levar a uma psicóloga, que me diagnosticou equivocadamente com TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), porque eu fazia alguns movimentos repetitivos naquela época, que também é uma característica do Asperger.

Como não apresentava evolução, meus pais me levaram em benzedeira e até em centro espírita, mas nada surtiu efeito. Eles já estavam quase desistindo, quando um amigo do meu pai indicou um psiquiatra, que realizou vários testes, e detectou a Síndrome de Asperger, classificada como uma espécie mais branda de autismo. Para minha mãe, que na época tinha mais de 55 anos, foi um baque. Na volta do escritório do médico, dentro do carro, parecia que estávamos retornando de um funeral. Ouvia-se até o mato crescendo do outro lado da rua.

Dentre as definições mais comuns da doença, podemos dizer que a Síndrome de Asperger é identificada através de uma série de sintomas em vez de uma característica em especial. O transtorno é caracterizado por dificuldades na interação social, comportamento repetitivo, restrição de atividades e interesses, havendo muitas vezes interesse obsessivo por um assunto ou objeto em particular. No meu caso, a leitura e a escrita. Também podem estar presentes sensibilidades sensoriais a barulhos ao toque e a luz.

Pessoas com Asperger veem, ouvem e sentem o mundo de forma diferente das outras. É um quadro para a vida, não é uma doença e, portanto, não pode ser “curada”, somente seus sintomas podem ser tratados. Muitas vezes, as pessoas sentem que a Síndrome de Asperger é um traço fundamental da sua identidade. O cérebro funciona de forma diferente e aprende a contornar a limitação do autismo que passa a ser quase imperceptível. Assim, o processamento de informações e dados passam a ser infinitamente mais rápidos.

A capacidade de se dedicar a uma tarefa exaustivamente pode trazer vantagens aos portadores desta Síndrome, que muitas vezes, também apresentam uma habilidade de raciocínio excepcional.

Mesmo que vários portadores desta Síndrome tenham algumas complicações seríssimas durante toda a vida, muitos conseguem se destacar bastante em âmbito pessoal e profissional. Há ainda, pessoas extremamente geniais e famosas no mundo, como Lionel Messi, Bill Gates, Vicent Van Gogh, Albert Einstein, Isaac Newton, Nikola Tesla, Steven Spielberg e Woody Allen.

O meu começo não foi fácil! Quando jovem, meu coração podia acelerar, minha pele ficar sensível e ter crises de pânico a qualquer momento. Sofri muito na infância e na adolescência por isso.

Até os 18 anos, achava-me diferente. Não conseguia enxergar em mim toda esta capacidade de criar e muito menos a produtividade a “doença” Asperger podia me proporcionar. Certa vez, uma pessoa disse que “não via nenhuma perspectiva no meu futuro” e ter escutado isto de quem eu escutei, foi uma das coisas que mais marcou a minha vida, porque aquela pessoa realmente não me conhecia.

Na época de faculdade não costumava ir a bares por causa do excesso de barulho, cheiro de cigarro e aglomeração. Ali era um lugar para eu entrar calado, assistir aulas e sair calado. Por isso, adquirei poucos amigos que são os que considero meus irmãos até hoje.

Esta síndrome tem suas peculiaridades, mesmo sendo sensível a barulhos, não são todos os sons que me incomodam. O motor do carro, por exemplo, nunca me irritou, pelo contrário, eu até gosto. Uma boa música ou um show, também tolero sem problema algum.

Ainda hoje evito lugares cheios quando não me sinto bem. Procuo, por exemplo, frequentar as academias mais vazias e lugares mais reservados. É assim que o Asperger se manifesta em mim.

Em relacionamentos, nunca houve grandes problemas por conta disto. Às vezes, preciso de um espaço para me isolar, ler, escrever, me conectar comigo mesmo e com Deus. Brigas ou gritarias não existem porque o barulho me incomoda muito.

Como portador de Asperger, enxergo pequenos detalhes: Vejo a mudança sutil na expressão das pessoas, a dilatação das pupilas, a diferença no tom de voz, mas nem

sempre consigo interpretar se está tudo bem ou não. Aprendi, desde cedo a usar isto, instintivamente. Ao reparar que algo está diferente, presumo que não está bem, portanto, procuro melhorar o ambiente.

No meu trabalho, sempre busquei o melhor desempenho e eficiência da equipe. Para alguns, isto pode parecer um tanto frio, mas quem sabe a responsabilidade que é depositada todos os dias nas mãos de um empresário, entende que decisões coletivas nem sempre são fáceis e Asperger sabem muito bem separar a razão da emoção.

Não escondo de ninguém que sou Asperger, mas também não falo aos quatro ventos, porque muitas vezes a falta de conhecimento sobre o assunto pode levar a conclusões precipitadas e quase sempre equivocadas. Já conversei abertamente com meu filho sobre isto. Ele entende que cada um é de um jeito e eu sou assim. Entende que meu cérebro é mais acelerado, mas em contrapartida, não vou compreender algumas piadas dos memes do Instagram. Ele sabe que às vezes gosto de ficar um pouco sozinho, no mais absoluto silêncio, lendo e compreende isto muito bem.

Neste caso, acho que Deus me deu uma limitação e uma capacidade diferenciada. Extremos que se equilibram. Como disse acima, profissionalmente, ser Asperger, sempre foi uma tremenda vantagem.

Mesmo vindo de uma família com boas condições, construí minha carreira como Advogado do zero, sozinho. Iniciei e consolidei meu escritório sem nunca ter um Advogado parente que me abrisse portas. Graças ao meu esforço, consegui um bom reconhecimento dentro da minha profissão, tanto no Brasil quanto no exterior. Criei um filho sozinho e assumi a responsabilidade de mudar de país, com ele, sem o suporte de ninguém. Mais do que isso: tenho diversos momentos de alegria e felicidade com ele. Por isso, não me abato por eventuais críticas ou preconceitos de algumas pessoas! Até porque, a imensa maioria delas, não tem grandes histórias para mostrar e muito menos para contar.

Lembro-me sempre da minha mãe dizendo: “jamais leve a sério uma crítica de quem nunca teve coragem de assumir os riscos que você assumiu”.

Seria super válida uma crítica se ela viesse acompanhada de uma assinatura e a biografia de quem a fez, não é mesmo ? Assim, poderíamos enxergar as verdadeiras razões daquelas palavras.

Vida profissional

Quando nasci, meu pai tinha 45 anos e minha mãe 42, meus irmãos, 17 e 20. Cresci, portanto, com gerações anteriores a minha. Naquela época, pessoas que desejavam ser bem sucedidas e respeitadas na sociedade tinham a opção de escolher entre três carreiras: medicina, engenharia ou direito. Engraçado lembrar disto hoje, porque vemos que os tempos mudaram bastante.

Curiosamente, até hoje, as duas únicas profissões em que os profissionais são chamados de Doutor, mesmo sem necessariamente ter um doutorado, é a medicina e o direito (DIM, de 1º de agosto de 1825). Cresci ouvindo isto, e mesmo possuindo o título (em razão de Doutorado), quem me conhece, sabe que não faço questão nenhuma de ostenta-lo. Brinco sempre que o conhecimento está no cérebro e não na gravata que se ostenta.

Fazer medicina não passava na minha cabeça: só de ver sangue já fico à beira de um desmaio. Engenharia eu conhecia de perto, por trabalhar na empresa de meu pai desde os 13 anos. Tinha este caminho aberto e seria provavelmente uma escolha próspera, mas quando observava o trabalho dos engenheiros realizando seus cálculos metódicos e intermináveis nas pranchetas, não me sentia estimulado, meu olho não brilhava.

O que sobrou, portanto? O direito! Optei por esta carreira e me tornei o primeiro Advogado da família.

Como um típico aluno de direito, me apaixonei instantaneamente por direito penal. As aulas eram as mais extraordinárias e impressionantes por toda a complexidade e as possibilidades que envolvem um crime, e suas possíveis sentenças e desdobramentos.

Na faculdade, muitos mestres me marcaram, em especial, Flora Gonçalves, professora de direito e processo civil, extremamente inteligente e sábia. Outra professora excelente era Alessandra Pedro, delegada, que dava as aulas de direito penal. Muitos outros nomes brilhantes fizeram parte de meu aprendizado, como a gratidão eterna ao Saudoso Prof Damásio de Jesus e meu grande amigo Carlos Ribas, pelo apoio que me deram desde o meu primeiro ano de faculdade.

Pós-graduação e início do escritório

Logo depois de formado, minha primeira pós-graduação no exterior foi em Internacional Business and Global Affairs. Nome bonito, mas que nunca me serviu para absolutamente nada. A ideia era conectar a área de negócios com o direito, porém o curso não atendeu exatamente as minhas necessidades técnicas. Naquele período, o estudo do direito internacional não era de fácil acesso, e o fato de não ter Advogados em minha família, também tornava este aprendizado um desafio maior ainda.

Quando voltei ao Brasil, tinha a opção de trabalhar como Advogado na empresa de meu pai, mas optei por abrir meu próprio escritório. No início, pegava qualquer tipo de causa, porque precisava pagar minhas contas. Até defesa de multa de trânsito eu fazia.

O meio em que cresci facilitou para conseguir os primeiros trabalhos. Meus amigos já estavam trabalhando com seus pais e me passavam pequenas causas de direito empresarial, coisas que não interessavam aos grandes escritórios.

Agarrei cada uma destas oportunidades com unhas e dentes. Mesmo sendo pequenas, eram importantes para um Advogado em começo de carreira. Uma das primeiras foi a cobrança de cheques sem fundo para uma empresa. Praticamente não dormi para cobrar aquele dinheiro, e fui conseguindo bons resultados. À medida que resolvia os pequenos problemas, meus clientes me passavam causas maiores, e me indicavam para outros. Acho que o papel do Advogado é trazer resultado e assim eu sempre busquei agir. Claro que nem sempre conseguimos aquilo que buscamos, mas a vida é feita de erros e acertos que nos ensinam caminhos, e o direito também.

Em dois anos, o escritório já havia dobrado de tamanho, com dois novos sócios e mais dois funcionários. Nessa época, também dava aula de direito penal na Unip, a convite de um amigo e professor. A experiência durou três semestres e foi um grande aprendizado. Foi nesta época que fiz meu LLM em mercado financeiro e de capitais que durou quase dois anos. Junto com ele, cursei especialização de tributação do mercado financeiro na FGV. Ali, foi onde minha paixão por economia e mercado financeiro se enraizou. Até hoje trabalho muito nesta área e estes cursos foram fundamentais para o início de meu aprendizado neste segmento.

Do direito para a educação

Em 2003, com a morte de meu pai, muita coisa mudou. Ele não era apenas meu pai, era meu mentor, meu amigo e meu parceiro. Por mais preparado que eu estivesse, jamais chegaria aos pés do que ele foi. E aquilo me assustava muito.

Tinha meus negócios e precisava assumir algumas responsabilidades dele naquele momento e uma delas era a função de diretor na faculdade de nossa família em Bauru, fundada pelo meu avô. Não fui bem recebido pela família, claro. A disputa por dinheiro e poder sempre rondou os corredores de todas as empresas familiares. Então, eu tinha que chamar o jogo para o meu campo, para o local onde eu sabia jogar bem que o Poder Judiciário. E lá, consegui absolutamente tudo o que eu buscava, assumindo a Diretoria Jurídica imediatamente.

Mesmo que o clima no ambiente de trabalho não era dos melhores, sinto saudades de daquela época: dos meus primos Márcio e Flávio... da força que tínhamos juntos e do quanto rimos nas situações mais difíceis. Acho, que naqueles anos conturbados por disputas familiares, tive realmente dois irmãos de batalha que vou sempre me lembrar. A energia do meu avô sempre esteve ali dentro.

Infelizmente, Marcio morreu de maneira trágica em um acidente de automóvel. Depois de seu falecimento, percebi que minha missão naquele local tinha acabado e me afastei do negócio após sete anos de dedicação, período em que também mantive meu escritório e advocacia em funcionamento e a todo vapor.

Em 2006, explodiu a quantidade de demandas relacionadas ao Direito Internacional. Muitas transferências de profissionais para o Brasil e o escritório crescia bastante em razão disto. Fabricas estavam se instalando no país e muitos diretores precisavam vir para o Brasil. Foi quando comecei a me aprofundar na legislação de vários países, como China, Inglaterra e Estados Unidos, e a estruturar a parte financeira de meus clientes. Eu precisava inovar e evoluir. Não bastava conhecer bem a parte jurídica processual, precisava ter um diferencial e conhecer profundamente sobre o negócio dos meus clientes.

Isto para mim era extremamente fácil e instintivo, porque eu nasci dentro de empresas, cresci neste ambiente e passei toda a minha vida ao lado de empresários.

O convívio com Advogados estrangeiros me ajudou muito neste aprendizado. Comecei a viajar bastante, conhecer culturas diferentes, leis diferentes, estruturas empresariais diferentes. Atualmente, o carro chefe do escritório é Direito Internacional, que engloba tudo o que é necessário para pessoas fazerem tratativas e negócios internacionais, incluindo os vistos para os mais diversos países.

Estar em diversos países requer muito trabalho e muita dedicação. Isto só funciona com uma equipe de total confiança e é claro, com clientes leais que confiam no seu trabalho. Sempre deixei claro que aquele cliente, que pesquisa preço, não olha currículo, então, prefiro deixá-los à vontade na contratação do profissional que melhor atender aquilo que ele procura.

Hoje, 90% dos nossos clientes chega pela boca a boca e são de várias partes do mundo, fruto de um trabalho incansável, muito conhecimento técnico e bons relacionamentos. Muitos acham que nosso forte é a mídia, mas não é! O histórico que construímos ao longo de quase 20 anos é o que nos traz indicações pessoais e os resultados que temos.

Uma das partes do meu trabalho que mais amo é fazer palestrar e participar de congressos. Sinto uma necessidade imensa de compartilhar conhecimento e, realmente, me realizo quando vejo que as pessoas estão absorvendo isto.

Tenho fotos e vídeos de congressos e palestras em diversos países, inúmeras associações de classe e guardo com imenso carinho porque isto sim conta uma boa parte da minha história e da minha paixão.

Uma porção de histórias

Toda essa grande vivência internacional me fez acumular mais de uma centena de histórias: algumas inspiradoras de sucesso, outras de fracasso. Sim, fracasso ! Ou você acha que há algum ser humano neste mundo que tenha vencido em qualquer área sem uma imensa trilha de falhas até o momento do acerto ? Costumo dizer que aprendi bastante nestes 45 anos de vida, mas que a maior parte deste aprendizado que hoje tento passar para as pessoas vem dos erros que cometi e tento evitar que meus clientes, alunos e seguidores cometam.

E se não bastassem as minhas próprias histórias, tenho muitas outras que presenciei e que parecem verdadeiros roteiros de comédia. São diversos casos e passagens de amigos, de clientes que saíram do Brasil e foram para EUA, Espanha, Canada, Austrália, e outros países. São erros e acertos, coisas que eu faria diferente e coisas que eu jamais faria novamente. Construímos muitas coisas boas, mas até chegar nelas, teve todo um caminho a ser percorrido com alguns passos curtos, alguns tropeços, algumas montanhas para escalar e alguns escorregões para aprendermos a levantar e refazer de forma diferente.

Quero contar e compartilhar essas histórias, e quero que através dos meus erros, as pessoas possam encontrar seus próprios acertos e traçar seus caminhos. Enfim, são muitas histórias engraçadas, outras um pouco mais tristes, mas que vão ficar para um próximo livro.